SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVIII
NOVEMBRO
DE 1972
N.º 331

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

A MORTE COMO ESPECTÁCULO?

Por EDUARDO RIBEIRO

Quando há alguns anos atrás e nestas mesmas colunas tivemos ocasião de escrever acerca das touradas, tivemos de vencer certa inibição, porque nunca víramos qualquer lide de touros e custa-nos falar sobre assunto de que não temos completo conhecimento. Mas reconhecendo que as razões que nos levavam a condenar a tauromaquia eram demasiadamente profundas para dependerem de ter ou não assistido a um desses espectáculos, não hesitámos em afirmar que «as touradas constituem um atentado à robustez psíquica do povo e, portanto, tudo quanto for feito para as suprimir ou, pelo menos, reduzir a sua crueldade e a sua influência, é obra de sanidade, de interesse nacional». Hoje não há mais oportunidade para semelhantes inibições porque a Televisão se encarrega de nos dar a conhecer as touradas, levando-as a nossas casas com demasiada frequência; entrevista toureiros; fala de touros; divulga de forma tal que agora todos *sabemos* muito de tauromaquia, sem que no entanto isso possa ter contribuído para modificar o nosso parecer acerca de uma actividade condenável por habituar o homem à violência e à crueldade.

Reconhecemos que as touradas nos oferecem alguns aspectos de beleza. O touro e o cavalo são animais de porte soberbo, vigorosos, em que a natureza se manifesta em toda a pujança. Gostamos de admirar os animais, de vê-los evolucionar. Mas a acção do homem vai em prejuízo desse aspecto agradável. O garbo do touro, a sua forma leal de atacar, é confrontada com o ataque desleal do toureiro, meticulosamente estudado e treinado, no uso de uma técnica apurada pelo conhecimento das reacções do animal e das suas insuficiências e incapacidades. De um lado, a experiência e a inteligência; do outro, apenas a força bruta, instintiva e inocente. Quem tenha um pouco de sensibilidade não poderá senão deplorar o sofrimento do animal, exactamente aquele que leva beleza ao espectáculo. É triste ver o animal estrebuchar com os golpes desferidos, enquanto a multidão indiferente ao sofrimento se agita e aplaude o gesto do toureiro onde, afinal, há mais habilidade e astúcia que coragem. E a cena repete-se sempre com os mesmos golpes, a mesma crueldade, os mesmos aplausos, numa monotonia constante, que nos leva a concluir que só o gosto pela violência, pelo sangue, pode justificar o entusiasmo dos *aficionados*, que sentirão o mesmo prazer que outrora entusiasmava os romanos nos torneios do circo.

Ùltimamente têm-se agravado as práticas cruéis exercidas nas arenas. Parece que algumas vezes têm sido consentidos *picadores*. A Liga Portuguesa de Profilaxia Social já afirmou que «dar à multidão o espectáculo sangrento e degradante de enterrar na carne, a frio, um chuço aguçado, fazendo-a delirar de entusiasmo pelo sofrimento de um animal nobre e generoso, é estimular os instintos sanguinários do povo; é acordar, pela vista do sangue, tudo quanto de grosseiro e de feroz existe na besta humana».

Os apaniguados das touradas não estão, porém, satisfeitos com o barbarismo que já praticam. Querem mais. Multiplicam esforços para que lhes seja consentido os touros de morte e a Televisão já elevou à categoria de quase herói nacional um *matador*, que teria sido em Portugal o primeiro a atingir essa categoria no toureio. Não nos teria feito falta tal especialização. Argumentam os aficionados que o sofrimento do touro é menor quando abatido na própria arena. A Televisão também já nos meteu em casa o espectáculo proibido em retransmissão de Espanha. Assistimos às repetidas tentativas para abater o bicho, o que não depôs a favor do argumento. Mas a condenação dos touros de morte não se equaciona em face do maior sofrimento do animal. Condenável é que a morte, seja a que pretexto for, possa servir de espectáculo, fazendo apelo aos instintos primários da animalidade humana. Porque se entusiasmará tanto a multidão perante o golpe fatal que obriga o animal forte e nobre a ajoelhar e morrer? Apenas a ferocidade, o prazer da brutalidade. A prestigiosa Liga já citada acrescenta: «... sabemos que também gozaram assim os antropófagos, que na noite distante da selva ululavam à volta do espeto onde assavam os pitéus palpitantes e... nem por isso o que há de generoso e bom, de abnegado e nobre na alma do homem deixou de estremecer de indignação e repulsa, condenando, sem apelo, tais prazeres de requintada monstruosidade».

A proibição dos touros de morte em Portugal é uma medida plenamente justificada e que só prestigia o nosso país e defende a saúde moral do povo. Sob o ponto de vista educativo, proporcionar à adolescência e à juventude a morte como espectáculo só pode contribuir para despertar o prazer da violência e o espírito sanguinário. Nunca como hoje foi tão importante desenvolver a reverência pela vida, mesmo nas formas mais simples, pelo que não nos parece de discutir uma lei que é salvaguarda desse sentimento.



Aniversário do Agrupamento 83.º do C. N. E.

Este agrupamento, com sede em Negrelos, Vila das Aves, comemorou o 22.º aniversário da sua fundação, promovendo um acampamento em que participaram os grupos 17 e 44 da A. E. P., que se realizou em 9 de Setembro passado.

Encerramento do ano escoteiro no Grupo n.º 17 da A. E. P. (Porto)

Foi com raro brilho que decorreu a cerimónia de encerramento das comemorações do 1.º aniversário do Grupo n.º 17, de cujo programa constava, além de diversas provas escoteiras, um acampamento de fim de semana, em 23 e 24 de Outubro, para o qual foram convidados todos os grupos da Região Norte, alguns de Lisboa e ainda agrupamentos do C. N. E. Pena foi que o mau tempo não tivesse permitido a realização do acampamento, transformando a linda Quinta do Calam de forma a ficar imprópria para a prática do campismo. Na emergência, simulou-se um fogo de conselho no ginásio da A. C. M. Estiveram presentes os grupos 8, 9, 15 e 44 da A. E. P., os agrupamentos 12, 83 e 27 do C. N. E., os chefes dos Núcleos B de Lisboa e de Vila Nova de Gaia, srs. Luzano Leite e Arnaldo Couto. Não puderam comparecer os chefes do Grupo 15 e do Núcleo do Porto, em virtude deste convalescer de grave doença e aquele, seu filho, estar por isso impedido.

Visita de escoteiros de Lisboa à cidade do Porto

Vários escoteiros de Lisboa e pessoas de suas famílias visitaram a cidade do Porto de 22 a 24 de Outubro, tendo sido acolhidos pelos seus camaradas do Norte, particularmente do Grupo 17, com quem confraternizaram. Benéfico seria para o escotismo mais encontros desta natureza. — *A. G. Maia.*

ESCOTISMO EM ANGOLA

I Acampamento Regional de Patrulhas da região de Sá da Bandeira

Em Sá da Bandeira, realizou-se de 16 a 22 de Agosto passado, o I Acampamento Regional de Patrulhas, no qual participaram as patrulhas Pantera e Veado, do Agrupamento 211; Tigre, Jacaré e Búfalo, do Agrupamento 294, do Corpo Nacional de Escutas.

O campo foi dirigido pelo chefe João Maria da Cunha Matos, que teve como adjuntos os chefes António José Baptista Ferreira, Ricardo Gomes Matos e Álvaro Manuel Fernandes. O Rev. Padre António Lopez Guereño e Diácono Henrique da Silva Ferreira foram os assistentes do acampamento.

Durante esta actividade, prestaram promessa os seguintes novos escutas: Raul Freitas Costa, José Agostinho Tavares Russo, Nelson Mendonça, Domingos Simeão, Mário José Gonçalves e Carlos Alberto Ferreira, todos do Agrupamento 211.

A Junta Regional resolveu propor à Junta Central do C. N. E. que sejam concedidas ao Chefe do Acampamento e ao primeiro assistente do campo, medalhas de Agradecimento de 3.ª classe, tendo louvado diversos dirigentes que dedicadamente cooperaram na iniciativa. — *C.*

ESCOTISMO DE EXTENSÃO

«O ESCOTISMO PARA TODOS»

Como pode o escotismo ajudar a resolver o problema social dos jovens incapacitados

O artigo seguinte foi escrito por G. R. Newby, director adjunto do Serviço de Formação da Secretaria Mundial do Escotismo, a pedido do «Rehabilitation International», *e foi publicado no XXI volume, n.º 4 do 4.º trimestre de 1970 da* «International Rehabilitation Review», *publicada pela* «International Society for Rehabilitation of the Disabled», *de Nova Iorque. Foi transcrito na «Training Formation», suplemento do «World Scouting Newsletter», da Secretaria Mundial do Escotismo, por amável autorização daquele organismo americano, donde, com a devida vénia, fazemos a reprodução neste jornal.*

O Escotismo, como movimento mundial, existe há 65 anos. Durante grande parte deste tempo, ofereceu aos rapazes que sofrem de incapacidades físicas e de diversas perturbações os meios para participarem nos seus programas e nas suas actividades. Graças ao seus esforços, milhares de rapazes que, doutra forma, seriam afastados de actividades próprias de jovens da sua idade, puderam dar uma expressão viva aos seus instintos sociais e levar uma existência mais completa.

Há ainda muito para fazer se quisermos realizar que mais não seja que uma pequena parte dos nossos projectos, cumprir o que desejamos fazer para atrair um grande número de rapazes e fazer com que o Escotismo lhes dê uma oportunidade.

Este artigo foi escrito com dois objectivos: mostrar tanto o que se pode fazer, como também aquilo que já está sendo feito. Espera a Secretaria Mundial que ele marque o ponto de partida para a expansão gradual e positiva do Escotismo de extensão.

Há cinquenta anos que o escotismo considera o rapaz incapacitado como membro de pleno direito do movimento. O escotismo é para todos os rapazes. É verdade que os casos diferem e que nem todos os jovens incapacitados estão aptos a ser integrados num programa de escotismo. O grau de incapacidade pode, por vezes, impedi-los disso. Contudo, há milhares de rapazes incapacitados por todo o mundo que, duma maneira ou doutra, poderiam participar nos programas escotistas.

Dois rapazes, queimados pelo sol, apareceram correndo para o escoteiro-chefe, que, de estatura mais alta, os seguia. Os rapazes faziam gestos com as mãos, muito contentes. Um deles trazia um sapato. Observando de perto, via-se aí uma mancheia de folhas e no meio um pequeno bicho-da-seda. O chefe sorriu e, com um sinal de cabeça, deu a aprovação ao que tinham feito e autorizou a que voltassem às suas brincadeiras. Os rapazes também abanaram com a cabeça e tornaram ao seu jogo, uma muito especial procura de tesouro. Nada disto era estranhável, dir-se-ia. Era um típico jogo de escoteiros. Sim, é certo, a não ser o caso de se tratar de dois surdos-mudos!...

ESCOTISMO PARA INCAPACITADOS

Como milhares doutros em todo o mundo, cada um destes rapazes apresentava um problema físico. O escotismo dava-lhes, por isso, oportunidade de participar plenamente numa competição, divertida e com o seu quê de aventura. Este género de actividades proporciona, além disso, aos incapacitados um meio de se medirem, num mesmo plano, com os válidos, graças à sua reintegração total, ou quase total, na sociedade.

É devido ao seu programa único que o escotismo pode facilitar, por conseguinte, o processo de readaptação. A idade dos lobitos é a da admiração, da descoberta e dos jogos de imaginação. O escotismo habitua-os a exercitar esta imaginação, fornecendo-lhes um ambiente que corresponde ao desenvolvimento mental de crianças dos oito aos onze anos. É neste ambiente, que varia de país para país, que é oferecido um programa progressivo, que corresponda ao grau de desenvolvimento de cada grupo de crianças.

Nos grupos de escoteiros, para rapazes de idade de onze a quinze anos aproximadamente, o programa é adaptado de forma a responder às necessidades de cada idade. Oferece actividades que correspondam ao espírito de grupo e de afinidade entre jovens da mesma idade — atitudes características da pré-puberdade e do primeiro período da adolescência.

(Continua no próximo número).

DOS AÇORES

Novos lobitos e novos escoteiros do Grupo 52 de Angra do Heroísmo

Precedida duma «velada de armas», realizou-se na paroquial de Santa Luzia de Angra do Heroísmo, durante a missa, no domingo, 6 de Setembro p. p. a investidura de 23 novos elementos do Grupo n.º 52 da Associação dos Escoteiros de Portugal: dez lobitos, José António Monjardino, Paulo Monjardino, Berto Manuel Lima, Duarte Pinheiro, Carlos V. Santos, Miguel V. Santos, Pedro Rui G. Santos, Duarte Manuel Mendonça, Pedro Manuel Rodrigues e Paulo Alexandre Santos; dez escoteiros, Mário Coelho, Francisco J. Pamplona Reis, Francisco Augusto Pereira, Luís Carlos Soares, Luís Alberto Avelar, Paulo António M. Silva, Jorge Manuel Rocha, Duarte M. Pavão, Fernando H. Feliciano e Aurélio Manuel Rodrigues; e três caminheiros, Carlos Alberto Cunha, José Alvarino Ávila e Paulo Manuel Moules, passaram de divisão.

Presidiu à cerimónia o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, Chefe do Grupo, acompanhado do chefe-adjunto, prof. Leopoldino Tavares, sendo o acto testemunhado pelo Rev. P.º Dr. Vasco Parreira, pároco de Santa Luzia de Angra, que celebrou a missa e proferiu uma homilia apropriada. Depois da missa, as famílias e madrinhas dos novos elementos do Grupo dirigiram-se ao salão paroquial, onde se realizou uma reunião de convívio, seguida de merenda.

Saudaram os novos escoteiros e respectiva assistência, os chefes do grupo, seguindo-se um pequeno «auto» de apologia ao Escotismo, de autoria do escoteiro José Adriano Fagundes.

Assistiram à reunião, além do Rev. Dr. Vasco Parreira (antigo escuta), Mr. Jacob L. Ritzen, representante do escotismo americano na B. A. 4., e Esposa. — C.

Um Acampamento Nacional em 1973?

Para comemorar os 60 anos de existência da Associação dos Escoteiros de Portugal, a Direcção Central resolveu que de 17 a 27 de Agosto do próximo ano se realize um Acampamento Nacional.

Embora ainda não tenha sido escolhido o local, está em princípio estabelecido que não seja nem em Lisboa, nem nos arredores, inclusive no Parque de Escotismo da Caparica. Solicita-se, por este motivo, aos grupos de escoteiros que indiquem locais que seja possível utilizar para o efeito, os quais devem ter condições para acolherem 300 a 400 participantes, não ficarem distantes de uma povoação e oferecerem possibilidades de fornecimento de água.

Prevê-se a participação de escoteiros de 12 a 16 anos, caminheiros e respectivos dirigentes, assim como de lobitos com mais de 9 anos de idade e com a 1.ª estrela, desde que tenham dirigentes para os acompanhar.

Aguarda-se também a presença de escoteiros das Ilhas e do Ultramar, os quais deverão, desde já, tomar as devidas providências para a resolução do problema do transporte.

Para já, está posta a questão da designação que será dada a este acampamento, assim como está prevista a realização de concursos de cartazes de divulgação, emblema, e marcha-canção.

Dentro em breve, os Serviços Centrais fornecerão mais indicações sobre a organização desta actividade.

Está lançada a ideia. Torna-se agora necessário que, da colaboração de todos os escoteiros, possa surgir uma conjugação de esforços que faça com que o próximo aniversário da AEP seja comemorado com a dignidade que o movimento escoteiro exige e a que o acontecimento tem direito.

UMA CAMPANHA EM MARCHA

A caminho das 200 novas assinaturas



Quase a atingir o alvo da nossa campanha, o ritmo tem abrandado e não pudemos registar um elevado número de novas assinaturas. Assim mesmo, porém, deram-nos o prazer de se inscreverem como assinantes os nossos estimados amigos sr. Jaime de Matos Correia por intermédio do Grupo n.º 19 e directamente os Srs. João Carlos de Oliveira e Sousa, de Lisboa e Venâncio Fernandes, este um nosso irmão escuta da cidade da Beira, que nos dirige palavras de estímulo que muito nos sensibilizaram.

★

Tivemos assim apenas três novas e simpáticas assinaturas, o que elevou o total da campanha para 183. Estamos perto das 200, mas a caminhar muito vagarosamente. Fazemos por isso um apelo aos nossos estimados leitores para que nos ajudem a atingir o alvo. Não seria interessante se, a terminar o ano, concluíssemos a campanha ?

FILATELIA

LUBRAPEX 72

Em Outubro passado, realizou-se em Aveiro a IV Exposição Filatélica Luso-Brasileira, com o título LUBRAPEX — 72, à qual concorreram muitos coleccionadores portugueses e brasileiros.

O nosso estimado assinante sr. Fernando Gomes Carrão participou com a sua valiosa colecção da temática Escoteira com o título «Escotismo — Guia de Educação Cívica», tendo-lhe sido atribuída a «Medalha de Prata, com felicitações do Júri». Este nosso amigo, que não é escoteiro, mas foi o primeiro colaborador filatélico de «S. P.» em 1947, dedicou-se à filatelia escoteira onde tem conquistado uma posição de relevo e merecido galardões em diversas exposições, tanto nacionais como estrangeiras, contribuindo assim para a divulgação do nosso Movimento.

Comunica-nos o sr. Gomes Carrão que se viu na necessidade de chamar a atenção da Comissão Executiva da referida Exposição, porquanto tinham alterado o título da sua comparticipação exarando no catálogo «Escutismo», designação que foi depois rectificada para «Escotismo», na lista de prémios. É de louvar a intervenção para que a ortografia de Escotismo fosse escrita como se designava a colecção e uma vez mais se verifica que muitas vezes se escreve *escutismo* sem que prèviamente se tenha averiguado se há justificação para preferir essa forma.

Diz ainda o nosso assinante: «Lamento sinceramente que nas exposições filatélicas não se verifiquem mais expositores da temática escotista, porque além da minha pessoa sòmente outro expositor se apresentou, residente na Trofa, tendo sido premiado com a medalha de bronze».

FILATELISTAS!

Cautela com os selos comemorativos do Jambori Mundial de 1971!

O *World Scouting Newsletter* lança um aviso aos filatelistas a respeito dos selos que vários países emitiram para comemorar o XIII Jambori Mundial, que se realizou no ano passado no Japão Nada menos que 153 foram emitidos Mas...

A Secretaria Mundial do Escotismo, segundo informações que conseguiu recolher, chegou à conclusão de que foram 19 as autoridades postais que lançaram selos, que se cifram em 153 espécies, comemorativos do Jambori do Japão. Alguns já apareceram em 1972.

Deve-se ter em consideração que a homenagem, por este motivo, prestada ao Escotismo pelos governos do Japão, Coreia, Senegal e Alto-Volta é digna de ser enaltecida.

Já o mesmo não acontece, porém, com selos emitidos apenas com o objectivo do lucro, porque esses selos jamais serão utilizados com fins postais. É certo que figuram nos grandes catálogos como «estampilha» ou «marca» ou muito simplesmente não são mencionados.

Resumindo: desses 153 selos, 114 são provenientes de Estados «duvidosos» do Golfo Pérsico, nomeadamente Sharja, Manama e e Ajam. 88 destes 114 selos foram emitidos com e sem perfurações, o que faz com que o potencial de venda seja elevado ao dobro. De 17 folhas-recordações, 14 são de 7 emirados. Por outro lado, países que oferecem «selos» do Jambori — entre os quais uma série de preço elevado (4 valores de prata e 1 de ouro) — proibiram o Escotismo no seu território !...

Contudo, há emissões de 1971 que ilustram acontecimentos escotistas e guidistas, que têm de facto valor: as da Arábia Saudita sobre o 14.º *Rover-moot* Islâmico, as de Hong-Kong e da Tailândia sobre o 60.º aniversário do guidismo.

Os que quiserem obter esclarecimentos mais pormenorizados sobre estes problemas podem dirigir-se a: «SOSSI», Dept. WB P. O. Box 5352, Sherman Oaks, California 91413, EUA.

Notas e notícias diversas

Acaba de sair mais uma edição desta publicação dos Serviços Centrais da AEP, a qual insere vasto noticiário da actividade escotista em Portugal.

Mais uma vez, é dedicado a *Sempre Pronto* um dos capítulos de NND, onde os escoteiros são convidados a ler e a apoiar este jornal, fazendo-se justiça ao proveito que dessa leitura os elementos escotistas poderão retirar.

Agradecemos os votos que ali são expressos, os quais retribuímos com o maior prazer.

Do Entroncamento

Grupo n.º 84

Jogos Nocturnos

Por iniciativa do Chefe de Tribo estão a realizar-se jogos nocturnos nesta vila, tendo-se efectuado estas actividades em 14 e 28 de Outubro passado.

Estes jogos são disputados entre as Patrulhas e realizam-se aos sábados, de quinze em quinze dias, disputando-se por um precurso longo, durante o qual os escoteiros seguem pistas, prestam provas de nós, técnicas escoteiras e transmissão de mensagens em Homográfico e Morse. A terminar, as patrulhas têm de descobrir o documento que lhes confere a pontuação. A patrulha vencedora será proclamada no final desta sequência de jogos.

«Raly» Escoteiro

Foi igualmente lançada a iniciativa de um «raly» com carros construídos pelos escoteiros e que será disputada entre os membros do «84» em Dezembro ou Janeiro próximos. Entretanto, estão a ser construídos os carros de madeira, dentro das medidas e normas estabelecidas no respectivo regulamento. — *Vítor Vergamota.*



A Jornada Escotista «Luís Simões Aurélio» decorreu com muito agrado

As patrulhas participantes revelaram entusiasmo e disciplina

Um domingo esplendoroso de sol veio coroar uma boa actividade dos escoteiros de Lisboa (e também de uma patrulha do Grupo 60, de Óbidos, do CNE). Efectivamente a Fraternal dos Antigos Escoteiros e o Grupo de Escoteiros n.º 19 foram muito felizes na realização desta Jornada Escotista no domingo, dia 5 do corrente, pois tudo se conjugou para que fossem atingidos os alvos visados: a celebração da actividade esperantista do Grupo 19, a homenagem à memória do nosso querido companheiro Luís Simões Aurélio, o contacto com uma unidade escotista com uma actividade merecedora de boas referências como é o Grupo 19, numa oportunidade para os escoteiros porem à prova os seus conhecimentos técnicos e a sua formação escotista e, enfim, um formoso dia que fez esquecer o pálido Verão.

Logo de manhã, a Pontinha, pequena mas viva povoação mesmo à ilharga de Lisboa, começou a sentir um movimento desusado de escoteiros e lobitos, todos a convergirem para a sede do Grupo 19. Aí, os seus responsáveis iam dando os últimos retoques nos preparativos que era necessário fazer para que tudo estivesse em condições quando a actividade tivesse início. E assim aconteceu.

As 9 horas, começou a inscrição das patrulhas. Uma a uma, foram dez as patrulhas que se apresentaram para concorrer. Mas além destas, muitos escoteiros e lobitos, antigos escoteiros, e os próprios dirigentes dos grupos, vinham emprestar o calor do seu entusiasmo e o seu auxílio nos trabalhos que fosse necessário fazer.

Presentes camaradas do CNE

Uma nota de muito agrado e uma manifestação de camaradagem registaram-se com a chegada dos nossos camaradas do Grupo 60 do Agrupamento 337 da associação-irmã Corpo Nacional de Escutas que, de comboio e de automóvel, se deslocaram ali para tomar parte nesta Jornada, saindo de madrugada da sua sede em Óbidos!

Sob a direcção do seu chefe, sr. Mário Rui Leal Pedras, e do chefe ajudante, sr. Carlos Carvalho Filipe, ali compareceram 6 escoteiros, 1 subguia e 1 aspirante.

Falámos com o chefe Mário Rui que nos revelou que o seu grupo foi formado há 2 anos, contando presentemente com 9 escoteiros fardados, vários aspirantes e ainda 4 caminheiros. A alcateia é composta por 9 lobitos fardados e 9 aspirantes. Disse-nos que a presença do seu grupo era uma manifestação do desejo dos escutas entrarem em competição com os rapazes da AEP e assim estreitarem os laços de amizade entre os elementos das duas associações.

Merecem os escutas de Óbidos um *bravo!* vigoroso pela determinação de que deram provas e pelo espírito de camaradagem revelado.

As provas

Inscritas as patrulhas, começou efectivamente a actividade, com a inspecção aos uniformes dos escoteiros concorrentes. Com prazer, salienta-se a boa apresentação dos escoteiros, com uniformes limpos e muito cuidados.

Seguiram-se depois as restantes provas: a corrida de pernas atadas, que proporcionou algumas quedas, a execução de nós, os exercícios de primeiros socorros, que tinha as suas dificuldades e o seguimento de uma pista, com que se encerrou os trabalhos da parte da manhã e dispôs bem os escoteiros para saborearem o almoço que se seguiu.

A tarde, realizou-se o último exercício: marcha escotista num percurso de cerca de 3 km, que finalizou, da melhor maneira, o programa dos concursos.

A Sessão Solene

Entrou-se, então, na parte solene da Jornada Escotista. Junto à escola primária, reuniu-se todo o público presente, nessa altura, constituído por muitos antigos escoteiros que, entretanto, tinham chegado.

Para a mesa foram convidados o E. C. Mário Luzano Pereira Leite e o E. C. Mário Rui Leal Pedras, respectivamente representantes da AEP e do CNE, o Dr. Eugénio Henrique Ramos, da FAEP, o sr. Francisco Júlio Moura, secretário-geral dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, o Rev. P.e Francisco Marques, presidente da direcção do Grupo 19, e Eduardo Ribeiro, director de *Sempre Pronto*.

Abriu a série de discursos, o sr. Amílcar Santos Fernandes, um dos organizadores da actividade que, como membro da Secção Cultural da FAEP, explicou por que tinha sido escolhido aquele programa para a homenagear a memória de um antigo escoteiro, dizendo que tinha a certeza de que era assim que Luís Simões Aurélio quereria que se fizesse.

O Rev. P.e Francisco Marques agradeceu a presença das pessoas que ali se tinham reunido naquele pequeno encontro, todos ajudando dessa maneira a realizar o ideal que está no coração de cada qual. Continuou, afirmando que Luís Simões Aurélio não merecia apenas a nossa homenagem, mas sim a nossa amizade. Não lhe devíamos agradecer, mas tomá-lo como modelo para as nossas vidas.

O Dr. Eugénio Ramos disse que tudo já tinha sido dito e que ele pouco mais poderia acrescentar. Agradeceu ao Grupo 19 e à secção Cultural da Fraternal a realização da actividade, terminando por lembrar que Simões Aurélio, embora como membro activo do movimento nunca tivesse passado de lobito, fora um Escoteiro com E grande, porque vivera a vida de verdadeiro escoteiro.

Eduardo Ribeiro disse que Simões Aurélio era um homem que soube lutar e que onde ele se encontrava era sempre um centro de interesse. Como empregado da Papelaria da Moda, por exemplo, conseguia que cada cliente fosse um amigo daquela casa. Era, em suma, um homem que vencia as dificuldades.

Falaram ainda o E. C. Luzano Leite e o sr. José Antunes, tendo o primeiro manifestado o seu agrado por se encontrar entre os escoteiros e o segundo tecido considerações acerca do valor do Esperanto.

O E. C. Pedro Lopes entregou depois algumas lembranças do Grupo 19 aos seus colaboradores srs. Jaime de Matos Correia, José Jorge Miranda de Matos, Manuel Joaquim Mendes e Paulo Daniel Coimbra e às sr.as D. Maria Margarida Abreu e D. Ana Paula Matos Correia.

Fez em seguida a entrega das medalhas Dedicação e Bons Serviços ao E. C. ajudante do 19 Virgílio da Silva Morais a classe prata, e ao escoteiro Raul Pires Pedro a classe cobre, com que foram agraciados pelos Serviços Centrais.

O descerramento da fotografia de Luís Simões Aurélio

Numa das salas da sede do Grupo 19, realizou-se depois a comovente cerimónia do descerramento da fotografia de Luís Simões Aurélio. O Rev. António Francisco Marques, em sentidas palavras, evocou a saudade que todos sentiam pelo companheiro que tão dignamente soube viver o ideal escoteiro e prestou homenagem à sua viúva, a Sr.a D. Jesuína Jerónimo Aurélio, que se encontrava presente, quem de certo mais sente essa saudade, tendo-lhe sido entregue um ramo de cravos vermelhos. Em breves palavras expressaram-lhe a sua simpatia o sr. Dr. Eugénio H. Ramos, presidente da Direcção da Fraternal; e o representante do C. N. E. sr. Mário Rui Leal, que propôs fossem guardados dois minutos de silêncio em memória do homenageado, o que foi observado sentidamente.

A classificação final

Após esta cerimónia, os escoteiros das patrulhas concorrentes reuniram-se no terreiro em frente da sede do 19 e então foi anunciada a classificação final, que foi a seguinte:

1.a — Patrulha Tigre do Grupo 23, de Queluz, que recebeu a taça «Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal»;

2.a — Patrulha Falcão do Grupo 60 do CNE, de Óbidos, a que foi entregue a taça «Luís Simões Autrélio», oferta da Gerência da Papelaria da Moda;

3.a — Patrulha Búfalo do Grupo 16, de Carcavelos, que ganhou a taça «Grupo n.º 19»;

4.a — Patrulha Falcão do Grupo 8, de Lisboa;

5.a — Patrulha Águia do Grupo 19, da Pontinha;

6.a — Patrulha Elefante do Grupo 2, de Lisboa;

7.a — Patrulha Andorinha do Grupo 9, de Lisboa;

8.a — Patrulha Javali do Grupo 50, da Charneca, Lisboa;

9.a — Patrulha Lobo do Grupo 19, da Pontinha;

10.a — Patrulha Tigre, do Grupo 50, da Charneca, Lisboa.

Foram depois arriadas as bandeiras, encerrando-se a seguir esta reunião escotista, que a todos deixou satisfeitos.

A pontuação e a classificação foram devidamente seguidas por um júri constituído pelos E. C. Mário Luzano Pereira Leite, Mário Rui Leal Pedras e Joel Ribeiro.

Como juízes de provas, prestaram boa colaboração ainda os E. C. António Pinto, João Constantino, Raul Pires Pedro e Vítor Monteiro Brado.

Templo da Pátria, escola da Vontade, o Escotismo procura estimular eficazmente os novos impulsos do coração e as faculdades de inteligência. É neste ambiente fraternal, em que todos são amigos, apóstolos dum Ideal sublime, que se torna possível a prática dos maiores heroísmos e virtudes.

Dr. Manuel Gomes dos Santos

PÁGINA DO ESCOTEIRO



ESPECIALIDADE DE CAMPISTA

(Continuação)

Moléstias transmitidas pelas águas

Os micróbios que as águas impotáveis contêm transmitem doenças perigosas. As mais graves são a febre tifóide e a cólera. Mas a disenteria e a diarreia também causam perturbações muito violentas.

A purificação das águas

Os principais meios de que o escoteiro se serve para purificar a água são os seguintes:

Fervura: — é a maneira mais segura de purificação.

Não é suficiente apenas um momento de fervura, porque existem micróbios muito resistentes. É necessário, pelo menos, que a ebulição demore um quarto de hora.

— **Água oxigenada:** — diluir num litro de água cinco centímetros cúbicos de água oxigenada, o que equivale a uma colher de café.

— **Sulfato de cobre:** — solução de um grama para um litro de água

— **Tintura de iodo:** — 10 a 15 gotas por litro de água.

— **Limão:** — o sumo de limão contém ácido cítrico que é preservativo do tifo e da cólera (espremer um limão por cada dois litros de água).

— **Filtragem:** — é um processo demorado, mas bom.

No mercado, existem filtros diversos, mas no campo pode-se improvisar um fàcilmente: arranja-se uma bilha ou vaso de barro com um furo na parte lateral, em baixo. Enche-se o fundo com seixos grandes, que se cobrem com outros seixos mais pequeninos. Depois, um pouco de areia grossa e, finalmente, uma camada de dez centímetros de carvão moído e peneirado. Telas de pano separam cada uma das camadas. Deita-se a água a filtrar directamente sobre o carvão, até que ela saia pelo orifício em baixo, completamente límpida.

Água das chuvas

A chuva dá-nos água pura, porém só deve ser recolhida cinco minutos após começar a chover para evitar gases e poeiras que existam na atmosfera.

Deve ser recolhida directamente, a fim de evitar quaisquer lixos que existam em telhados

(Continua)

A CABEÇA SERVE PARA PENSAR

A cabeça nos seres humanos, em relação aos restantes seres que habitam a Terra, tem uma função muito mais complicada e completa. Esta é, precisamente, a diferença que existe entre animais racionais e irracionais.

Os primeiros, raciocinam e podem utilizar a cabeça para pensar, enquanto os segundos não.

Quando investigamos os acidentes, do ponto de vista da segurança, encontramos uma infinidade de causas directas nos mesmos e, com imensa frequência, se o assunto é estudado um pouco mais profundamente, podemos encontrar como causa directa «O NÃO PENSAR».

Para evitar acidentes, deve-se empregar a cabeça nas seguintes situações:

— *Pensar antes de iniciar um trabalho.* — Inspeccionar mentalmente todos os pormenores do trabalho, a fim de poder preparar todos os materiais e ferramentas necessários para executá-lo e para resolver qualquer ponto de dúvida que possa haver em relação à tarefa a executar.

— *Pensar nas regras.* — Rever mentalmente todas as regras de segurança e de execução, de forma a não infringir nenhuma.

— *Pensar no equipamento de protecção.* — Os dirigentes podem cuidar de fornecer os equipamentos de protecção aos trabalhadores, mas aqueles só são efectivos quando os que os utilizam pensam quando os devem usar e os usam na realidade.

— *Pensar nos riscos que possam existir, tanto em relação ao próprio como no respeitante aos restantes companheiros.* — Informar os chefes imediatos dos respectivos perigos.

O PENSAR POR POUCOS SEGUNDOS PODE POUPAR HORAS DE COMPLICAÇÕES.

C. de P. e S.

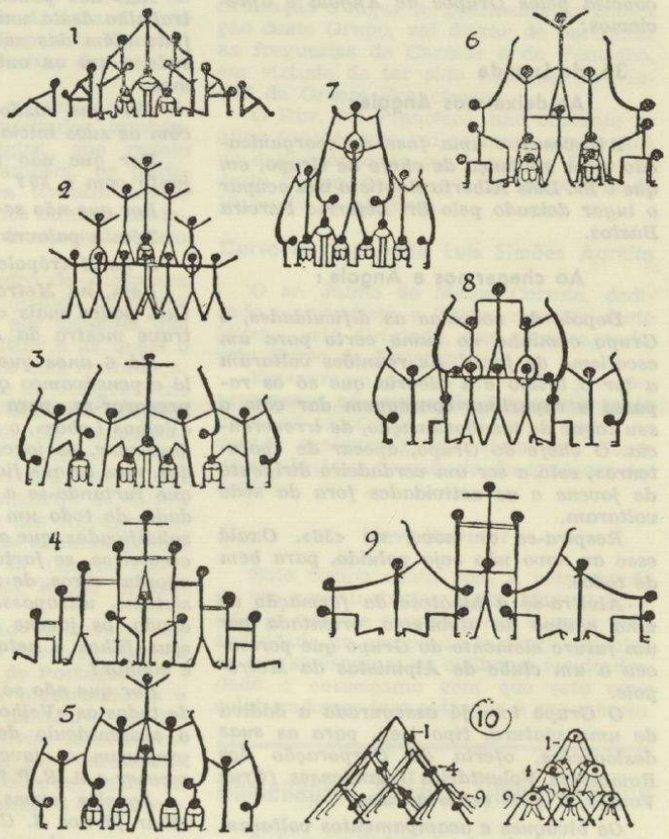
PIRÂMIDES HUMANAS

A ginástica é um excelente exercício para os escoteiros.

Como demonstração de grande poder ginástico, podem os escoteiros construir pirâmides humanas, as quais produzem sempre grande efeito numa festa de campo ou num fogo de conselho.

Uma tribo, com duas ou três patrulhas, pode executar qualquer das pirâmides que a gravura ensina, desde as mais simples, como a 1 e a 2, às mais complicadas como a 10.

Desde que somos escoteiro, só conhecemos um grupo que fazia exercícios destes com extrema perfeição. Tratava-se então do grupo n.º 6, de Olhão, que, sob a orientação do Chefe Pina, executava por fases diversas pirâmides.



Assim, aquele Chefe dava uma ordem pelo apito e imediatamente, sem gritos ou correrias, os escoteiros respectivos faziam a base da construção. Depois, outro toque e outros escoteiros executavam posições de suporte para o vértice cimeiro. De seguida, ajudado pelos últimos escoteiros, trepava o escoteiro que ficava no cimo da pirâmide e, finalmente, alinhavam-se os escoteiros que ficavam em baixo, nos lados

Bastava, portanto, quatro ou cinco apitadelas e, em menos de um minuto, a pirâmide ficava pronta, com o escoteiro do cume a transmitir uma mensagem de homógrafo ou a agitar uma bandeira nacional.

Gostaríamos de ver novamente estes exercícios e, por isso, apresentamos hoje esta gravura que retiramos da antiga revista «Alerta!» da União dos Escoteiros do Brasil.

A. I.

ANGOLA? PRESENTE!

«Regresso a Angola»

Depois de revermos caras e amizades numa curta estadia por terras metropolitanas, eis-nos, de novo, sentados à nossa secretária de trabalho fazendo uma retrospectiva daquilo que foram dois meses de ausência.

Diz o sábio povo que «os homens morrem, mas a vida continua». É bem verdade esta frase que todos aceitamos na verdadeira acepção da palavra. Pois em dois meses, muito de novo se pode apreciar em relação àquilo que deixámos aquando da nossa partida.

O sol, as praias, as ruas, as gentes são todos os mesmos que com saudade deixámos, mas o trabalho feito é maior, as vistas alargam-se para que a A. E. P. possa ser sempre prestigiada como o merece, bem como todos aqueles que ao longo dos anos têm acompanhado os seus passos.

Pois é verdade que, em Angola, a A. E. P., que, há meia dúzia de anos, era uma menina que iniciava os passos titubeantes, hoje está para ficar, amadurecida já (mas não precocemente), com um objectivo fixo, certo e inalienável.

Façamos uma «visita» rápida, mas concisa pelos Grupos de Angola e apreciemos:

36, de Luanda

Ao deixarmos Angola:

Atravessava uma fase de reorganização, com mudança de chefe de Grupo, em que o Sr. Luís Alberto Baptista iria ocupar o lugar deixado pelo Sr. Zeferino Pereira Bastos.

Ao chegarmos a Angola:

Depois de vencidas as dificuldades, o Grupo caminha no rumo certo para um escotismo de facto. As reuniões voltaram a ter o brilho e a alegria que só os rapazes e raparigas conseguem dar com o seu toque de insubordinação, de irreverência. O chefe do Grupo, apesar de «patatenra», está a ser um verdadeiro dirigente de jovens e as actividades fora da sede voltaram.

Respira-se ar novo, no «36». Oxalá esse ar novo não seja poluído, para bem de todos.

Alvitra-se a hipótese da formação de uma equipa de alpinismo, orientada por um futuro elemento do Grupo que pertenceu a um clube de Alpinistas da Metrópole.

O Grupo tem já assegurada a dádiva de uma viatura, tipo jeep, *para as suas deslocações, oferta da Corporação dos Bombeiros Voluntários Luandenses (Cruz Verde), à qual estão anexos.*

Os bivaques e acampamentos voltaram e com eles o interesse dos escoteiros.

Vive-se num local onde há dois meses se vegetava, mercê da situação da troca de Chefes de Grupo e da readaptação a métodos novos.

Boas provas de trabalho, honesto e dedicadíssimo do novo chefe estão patentes nas reuniões do Grupo.

39, de Benguela

Ao deixarmos Angola:

Na última vez que visitámos Benguela a sede do 39 estava deserta (talvez por terem coincidido a visita e as corridas em Nova Lisboa). Trabalhava-se no Campo-Escola, mas em ritmo lento. Parecia que o Grupo estava «embalado» numa letargia prejudicial.

Ao regressarmos a Angola:

Depara-se-nos num jornal do 39, com um grupo de jovens à sua frente, a pedirem apoio moral e assinaturas para justificar os seus esforços. Continuam-se os trabalhos no Campo-Escola.

Toma-se parte no JOTA-72 da melhor maneira que até hoje, em Angola, um Grupo tomou.

Pensa-se na criação de um Grupo da A. E. P. em Novo Redondo (cidade a 200 kms de Benguela). Fazem-se projectos, para tal criação, e o «39», seguindo o cognome da cidade a que pertence, (Benguela, cidade mãe das cidades), vai espalhando o escotismo da A. E. P. por Angola (lembre-se que o 40 é já fruto do trabalho do 39).

Organizam-se concursos interpatrulhas. Será isto indicativo de um Grupo em letargia? Ou será o canto do cisne?

Estamos em crer que fomos nós que nos enganámos quando formulámos o aspecto geral antes da partida. O 39 vive e bem.

40, do Lobito:

Não nos podemos pronunciar sobre o trabalho desta unidade, pois, se algo tem feito além das suas reuniões normais na sede e um ou outro bivaque, nada sabemos.

Por que razão o 40, do Lobito, está com as suas iniciativas muito fracas?

Por que não trabalha mais em conjunto com o 39?

Por que não se fala no 40?

Têm a palavra os «lobitangas»!...

E na Metrópole?

Bem, na Metrópole, as mesmas caras (um pouco mais «brancas»), vão sendo a trave mestra da A. E. P.

Há 6 anos que não nos deslocávamos lá e pensávamos que os jovens estavam a preparar-se, para receber das mãos dos «Velhos Lobos», o facho da A. E. P. Triste, desolador, os jovens afastam-se, (não todos, mas os que ficam serão poucos) como que furtando-se a receber a responsabilidade, de todo um conjunto de estruturas solidificadas, que aquando do seu tempo de escoteiros, se fartaram de criticar, de lhe apontar erros, de maldizer, de apelidar de sistema ultrapassado. Será que, com o êxodo, os jovens conseguirão passar aos seus filhos e netos um Escotismo maior e melhor?

Por que não se aproveita a experiência de todos os «Velhos Lobos», que ainda são o sustentáculo da Associação e se não preparam os jovens metropolitanos para receber a A. E. P.?

Aqueles jovens, que estão a tentar auxiliar já nos S. C., e a preparar-se para o futuro, vai a nossa simpatia, o nosso aplauso, a nossa adesão, fraca, mas sincera, pois que certamente seremos poucos, para continuar uma A. E. P. em progresso franco e cada vez maior.

Aproveitar ao máximo os erros e os êxitos dos nossos actuais «Velhos Lobos», para que fiquemos com uma mais ampla e rápida visão, para o futuro da «nossa querida A. E. P.». Não será este o rumo a tomar por todos os chefes jovens?

Estamos cientes que sim, mas...

JARCLOUCO

PENSE NA CAMPANHA DE ASSINATURAS.

Noticiário

LUANDA

Os escoteiros do 36 realizaram uma excursão pelo sul do Estado, acompanhados do chefe do seu grupo.

Visitaram os grupos 39, de Benguela, e 40, do Lobito e ainda os agrupamentos do CNE de Nova Lisboa.

Em Benguela, além da visita à sede, os forasteiros foram ao Campo-Escola do grupo local.

No Lobito, estiveram presentes na festa do aniversário do grupo, onde tomaram parte no fogo do conselho.

Em Nova Lisboa, tomaram parte no fogo do conselho realizado durante um acampamento dos escutas locais.

Regressados a Luanda, e depois de deitadas contas aos quilómetros percorridos, chegou-se à conclusão de que tinham sido «andados» 2 200 km. aproximadamente.

BENGUELA

Jornal «O Grito» — O Grupo 39 começou a editar o jornal «O Grito», cujo primeiro número saiu na altura do JOTA-72. Trimestral, a ele nos referimos noutro local.

JOTA-72 — O JOTA-72 foi o mais activo, para este grupo, de todos aqueles em que este grupo tem tomado parte.

Foram vários os radiamadores que deram a sua «achega» à realização do XV JOTA, cumulando o Grupo 39 de gentilezas.

Foi editado um carimbo comemorativo em Benguela e impressos sobrescritos, cartões QSO e postais alusivos a esta actividade. Também houve decalcomanias, com boa apresentação e vistoso colorido.

Na sede do grupo, esteve patente ao público durante o JOTA uma exposição subordinada ao tema «Jambori».

Enfim: bom trabalho dos rapazes de Benguela!...

Concursos — No dia 22 foram iniciados concursos interpatrulhas e individuais, que se agrupam num outro a que foi dado o nome de BOA ACÇÃO.

Nas actividades a realizar, serão postas à prova todas as técnicas escotistas.

Boa caça às Patrulhas, deseja *S. P.* À Chefia, bons êxitos!

LOBITO

O Grupo 40 festejou o 1.º aniversário com um fogo de conselho. Longa vida a esta unidade e *Boa Caça!*

JARCLOUCO

Amigos em toda a parte

O Escoteiro-Chefe Jorge R. Lopez, chefe da «Tropa 55», no Panamá, deseja correspondência com escoteiros portugueses e pretende troca de insígnias e selos postais. Endereço: Apartado 10 — Panamá 1, Panamá.

O subchefe do mesmo Grupo, Carlos Alonso Filós, também deseja correspondência com escoteiros portugueses para intercâmbio de revistas, ideias, programas, insígnias, etc. Endereço: Calle 5.ª Rio Abago — Casa 2470 — Zona 10 — Panamá.

Quem responde ao pedido destes nossos irmãos do Panamá?

XLVII POEMETO FILATÉLICO

Diante do selo que celebra
a Torre de Belém, em Lisboa

Desde os ópidos antigos,
velhos castelos e castros,
a afrentar os inimigos
ante as ondas, sob os astros,
a História, que tudo encerra,
enobrece a nossa terra.

Eis que a «Torre-benjamim»
(só quatro séculos de idade)
oculta força embeleza
que lhe dá celebridade.
Recorda os feitos, assim,
sem lhes pôr termo nem fim:
bela Herança Portuguesa!

EDUARDO MOREIRA

O XV JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 8

Agrupamento 158 do Grupo 7 do CNE (Elvas)

Este agrupamento, que é a primeira vez que entra no JOTA, segundo cremos, teve boa actuação e apresentou um relatório muito circunstanciado e de leitura agradável e clara, o que é digno de ser assinalado. A participação no JOTA constituiu uma actividade-mistério para os escutas, que se mostraram à altura.

Operaram *a bordo* do CT 1 FV, do radiamador sr. José Humberto Ferreira Abelha, que é um antigo escoteiro muito entusiasta.

Resultados alcançados: G. 39 em Benguela (2), G. 12 CNE no Cartaxo, G. 18 em Cucujães, G. 6, 60 e 77 em Faro, G. 88 CNE no Funchal, G. 1 e 7 em Lisboa (3), Ag. 302 CNE em Luanda (2), Ag. 158 e 176 CNE em N. Lisboa, G. 80 AEP e Ag. 107 CNE em Ponta Delgada, Porto (2), e G. 23 em Queluz. *Estrangeiro:* Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil (3), Curaçau, EUA, França, Inglaterra (2), Irlanda, Itália, Luxemburgo e Noruega. Total: 30 contactos.

1.ª Companhia de Guias e Agrupamento 235 do CNE (Figueira da Foz)

Estas duas unidades actuaram em dois postos: no CT 1 MA e no CT 1 TD. Conseguiram assim um bom número de contactos, pelo que merecem um *bravo!* vibrante.

Resultados alcançados:

Do CT 1 MA: G. 39 em Benguela Ag. 109 e 162 CNE em Coimbra, e G. 80AEP e 107CNE em Ponta Delgada. *Estrangeiro:* Alemanha (2), Áustria (2), Brasil (2), França, Grã-Bretanha (19), Holanda (5), Itália, Suécia, Suíça e União Africa do Sul. Total 38 contactos.

Do CT 1 TD: G. 39 em Benguela, G. 40 no Lobito, Ag. 106 e 167 CNE em L. Marques, Ag. 246 CNE em Nampula e Ag. Ag. 156CNE em N. Lisboa (2). *Estrangeiro:* Brasil (2) e União da Africa do Sul. Total: 9 contactos.

No próximo número, contamos fornecer mais resumos de relatórios.

O X PÃO AOS POMBOS

louvável iniciativa do Grupo dos Amigos dos Animais e das Plantas

A Gerência de uma sociedade comercial de Lisboa, a conhecida Papelaria Fernandes, merece uma especial saudação, por virtude de, a par da sua natural actividade mercantil, manter preocupações de natureza cultural e educativa, como seja a da publicação do belo jornal *O Educador*.

Pois é sob a égide deste órgão da Imprensa que existe o Grupo de Amigos dos Animais e das Plantas, agremiação que vem organizando há anos o Pão aos Pombos, actividade em que participa grande quantidade de crianças de vários colégios e escolas da Capital e que, de ano para ano, vai despertando o maior entusiasmo.

Este ano, foi no dia 29 do passado mês de Outubro que se realizou mais um «Pão aos Pombos» — o Décimo — em que, sob a orientação do sr. Reinaldo Ferreira (*Néorx*), dedicado director de *O Educador* e com o patrocínio de Papelaria Fernandes, do *Diário de Notícias*, da Sociedade Protectora dos Animais e da União Zoófila, levou milho aos pombos do Jardim da Estrela, da Praça de Camões, do Jardim de S. Pedro de Alcântara e do Rossio, oferecido pela Papelaria Fernandes por intermédio de muitas dezenas de criancinhas.

Realizou-se ainda o concurso *«Os vasinhos mais lindos»*, enfeitados também por crianças dos colégios, que reuniu alguns concorrentes. Também, os participantes nesta iniciativa tiveram ensejo de admirar alguns ranchos infantis cantarem trechos especialmente ensaiados para o efeito.

No Jardim de S. Pedro de Alcântara efectuou-se a simbólica queima de fisgas e armadilhas, enviadas por crianças que prometem não as substituir e às quais o jornal *O Educador* oferece uma lembrança.

No Rossio, o Batalhão de Telegrafistas procedeu a uma vistosa solta de pombos, que atraiu a curiosidade da pequenada.

Sempre Pronto teve o prazer de ver participar nesta actividade, além da guia Sandra, da 1.ª Companhia de Guias, de Alcântara, elementos dos Agrupamentos do Corpo Nacional de Escutas n.ºs 53 (Bairro da Serafina), 48 (Santa Catarina), 49 (Mercês), e da Baixa da Banheira.

Em futuros «Pão aos Pombos» não será possível contar-se também com a presença dos Escoteiros de Portugal?

Daqui felicitamos os organizadores e os patrocinadores desta iniciativa, de fecundos objectivos educativos, fazendo votos de que esta cruzada pela defesa dos animais e das plantas, possa ser cada vez mais compreendida e apoiada e alargada a todo o país.

ADMINISTRAÇÃO

Tiveram a gentileza de nos enviar o valor de suas assinaturas os nossos estimados assinantes patrocinadores srs. António F. Xavier de Brito e Luís Alves Miguel. De Inglaterra, remeteu-nos igualmente o valor de sua assinatura o nosso amigo sr. Daniel Correia, e da Beira, o nosso dedicado assinante Sr. Marino Correia.

A todos estes bons amigos apresentamos o nosso agradecimento.

O nosso dedicado e prestigioso colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira, a quem devemos tão relevantes serviços, teve ainda a generosidade de nos enviar Esc. 100$00 para auxílio a «S. P.», oferta que reconhecidamente agradecemos.

Escotismo na Capital

Grupo N.º 8

NOVO DIRIGENTE — A Direcção-Central dos Escoteiros de Portugal aprovou a proposta de nomeação para Chefe Ajudante deste Grupo do caminheiro Manuel dos Santos Pinheiro Moreira.

ESCOTEIRO CONDECORADO — Foi distinguido com a Medalha de Assiduidade, classe cobre, o escoteiro Carlos Eduardo de Barros Mascarenhas.

CONCURSO «SEMPRE PRONTO EM CRISE» — A pontuação em Outubro era a seguinte:

Adelino Madeira	511 pontos
João dos Santos	352 »
Joaquim de Oliveira	277 »
Vítor Costa	233 »
Jorge Almeida	220 »

Grupo N.º 19

Prior das freguesias de Carnide e Pontinha

O Sr. Rev. P.e António Francisco Marques, que tem desempenhado com grande dedicação o lugar de presidente da Direcção deste Grupo, vai deixar de paroquiar as freguesias de Carnide e da Pontinha, em virtude de ter sido nomeado Provincial da Ordem Franciscana.

O Rev. P.e Francisco, não obstante as altas funções que vai assumir, continuará no desempenho do seu lugar na Direcção deste Grupo, com o que os escoteiros do 19 muito se alegram.

Curso de Esperanto Luís Simões Aurélio

O sr. Jaime de Matos Correia, dedicado esperantista e ilustre monitor deste idioma, está dirigindo, com pleno agrado, este Curso de Esperanto.

Esperam-se, da sua aplicação, grandes progressos no ensino de Esperanto tanto entre os escoteiros do 19, como entre os doutro qualquer grupo, visto este Curso estar aberto à frequência de qualquer escoteiro.

Novo instrutor

Este Grupo conta com a colaboração de um novo instrutor, o Sr. Manuel Narciso, o qual se propõe levar a cabo uma actividade no campo da instrução técnica de que se esperam os melhores resultados, dado o entusiasmo com que este novo colaborador se tem entregue à sua missão.

Homenagem a Luís Simões Aurélio

Pede-nos a Sr.ª D. Jesuína Jerónimo Aurélio para que sejamos intérpretes da sua gratidão à Fraternal dos Escoteiros de Portugal, ao Grupo de Escoteiros n.º 19 e a todos que participaram na homenagem ao seu saudoso marido, actividade de que damos notícia nestas mesmas colunas.

Skolta Esperantista Ligo

Este organismo internacional escotista de Esperanto nomeou seu representante junto do movimento escotista português o sr. Jaime de Matos Correia, monitor de Esperanto do Grupo 19.

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

O XV JAMBORI NO AR

CONFIRMA-SE A EXPECTATIVA:

mais uma boa participação dos escoteiros portugueses

Os escoteiros portugueses, já com antecedentes de muito brilho no JOTA, puderam este ano vincar a sua presença nesta actividade escotista à escala mundial, o que é um facto que merece ser devidamente assinalado.

Em conversa há dias com o organizador nacional, o E. C. Justino Estêvão da Silva, este não escondia a sua satisfação por tudo quanto tinha sido possível alcançar, embora isso representasse um acréscimo de trabalho que ele já tem dificuldade em suportar, apesar dos auxiliares que o coadjuvam nesta actividade.

Este ano tem-se notado mais uma positiva colaboração dos elementos do Corpo Nacional de Escutas, que tiveram importante quota-parte nos resultados obtidos. Justino Estêvão da Silva achava-se particularmente encantado com o facto de neste ano, pela primeira vez, os nossos grupos terem contactado com Timor, graças à façanha dos nossos irmãos escutas do grupo 12 do agrupamento 52 de Santarém. *Bravíssimo!!*

Mas vamos resumir os relatórios que chegaram ao nosso poder:

Grupo 1 (Lisboa)

Este grupo esteve *a bordo* do posto CT 1 RV, que operava com o indicativo especial CT 1 AEP, do radiamador sr. Raul Silva.

Conseguiu bom número de contactos, que foram os seguintes:

Com postos portugueses: Almada, Ag. 125 CNE em Alvega, Ag. 37 CNE em Beja, G. 67? na Campanhã, Campo de Ourique, G. 2. 12 e 16 em Carcavelos (3 cont.), G. 12 CNE no Cartaxo, G. 21 em Cascais, G. Lusalite, no Dondo (Moç.), Ag. 156 CNE em Elvas, G. 6, 60 e 77 em Faro (2), Figueira da Foz, G. 16 CNE no Funchal, G. 2, 7, 23 e 100 em Lisboa (5), Lourenço Marques, Ag. CNE em Luanda, Luso (Ang.), Nagoselo do Douro, Ag. 246 CNE em Nampula, Ag. 156 CNE em Nova Lisboa, G. 80 AEP e Ag. 107 CNE em Ponta Delgada, AG. 67 CNE no Porto (2), G. 23 em Queluz, Ag. 211 CNE em Sá da Bandeira (2), S. João da Madeira, V. N. de Gaia e 4 cont. com postos não ident. *Estrangeiro:* Alemanha (3), Bélgica, Brasil (8), Chipre, Escócia (2), Espanha (2), Holanda e Inglaterra (2). Total: 59 contactos.

Grupo 21 (Parede)

Este grupo operou com os postos CT 1 RZ e CT 1 ZZ, dos radiamadores srs. José Maria Marques e Manuel de Matos, do lugar da Torre (Cascais).

Contactos feitos: G. 39 em Benguela, Évora, G. 1, 2, 7, 12, 16 e 100 em Lisboa (3), Junta CNE na Madeira, CNE em Moçambique, G. 80 AEP e 107 CNE em Ponta Delgada, G. 23 em Queluz, e G. 12 CNE em Santarém. *Estrangeiro:* Brasil, França e Suíça. Total: 13 contactos.

Agrupamento 52 (Grupo 12) CNE (Santarém)

Estes nossos camaradas escutas escalabitanos conseguiram um êxito retumbante ao contactarem com Timor, conforme acima já referimos. Além disso, a sua actuação mostra-se muito positiva. Por doença do sr. Cap. Jaime Varela Santos, grande entusiasta da rádio de Santarém, estes nossos amigos estiveram no posto CT 1 PK (com o indicativo CT 1 CNE) do sr. Dr. Manuel Fragoso de Almeida, do Cartaxo.

Com o intuito de aproveitar a realização dos JOTA para uma maior aproximação entre as duas associações escotistas, a chefia deste agrupamento sugere que no futuro os indicativos a adoptar, em vez de AEP ou CNE, seja ESC (de escotismo). Eis uma boa nota de espírito fraternal que importa realçar.

Contactos feitos: C.ª Guias de Ag. 155 CNE na Beira (Moç.) (3), G. 39 em Benguela (2), G. 2 em Carcavelos, Ag. CNE em Carmona, G. 21 em Cascais (2), Dafundo, Ag. 1 e 2 CNE em Dili (Timor), Elvas, Ag. 37 CNE em Évora, G. 6, 60 e 77 em Faro, G. 68 CNE? no Funchal, G. 1 em Lisboa, G. 40 no Lobito (3), Ag. 18, 168, 180 CNE em L. Marques (3), Ag. CNE em Luanda, Ag. 271 CNE em Malange, Ag. 246 em Nampula (2), Ag. 156 com posto de local não ident. *Estrangeiro:* Inglaterra. Total: 34 contactos.

Grupo 79 (Lisboa)

Este grupo foi hóspede do sr. Domingos Marques, de Lisboa, com o seu posto CT 1 WE. Foram conseguidos 8 contactos com: Porto Amélia e (*estrangeiro*) Argentina, Brasil (2), Canadá, Chile e Itália (2).

Agrupamento 109 do CNE (Coimbra)

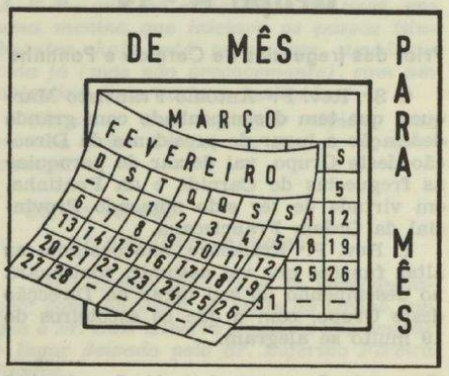
Este agrupamento só conseguiu 9 contactos, devido à má propagação encontrada. Outros contactos houve, mas com postos que não estavam no JOTA. Posto donde operaram: CT 1 MX. Contactos feitos: G. 39 em Benguela; Ag. 235 na Fig. da Foz (2), 9 e 302 CNE em Luanda, Ag. 156 e 176 CNE em N. Lisboa (3) *(estrangeiro)* Brasil (2).

Agrupamento 119 do Grupo 4 do CNE (Coruche)

9 contactos foram feitos por este agrupamento através do CT 1 BQ do radiamador sr. António João Santos Galinhas, desta vila ribatejana.

Contactos: G. 39 em Benguela; G. 80 AEP e 107 CNE em Ponta Delgada e *(estrangeiro)* 7 contactos com o Brasil.

Continua na pág 7



O PERIGO DA ROTINA



Visitámos há dias a sede do Grupo 19, na Pontinha, bairro limítrofe de Lisboa, e foi muito agradável verificar que esta unidade escoteira desenvolve actividade interessante; há entusiasmo; há vida; há acção e, por isso, o Grupo progride.

Não é a primeira vez que verificamos o mesmo entusiasmo e a mesma vida nas unidades escoteiras mais recentemente criadas, enquanto as antigas, algumas cheias de tradições, arrastam vida débil, dormem, deixam-se vencer pela rotina e esta é o maior perigo para qualquer organismo; autêntica ferrugem para os grupos de escoteiros. Ficámos a pensar no que seria conveniente fazer para vencer a letargia destas unidades e pareceu-nos que a única solução seria transformar as velhas em novas pela substituição dos seus dirigentes. Substituir dirigentes, em qualquer escalão associativo, não será afastar aqueles que prestaram bons serviços, mas um natural render da guarda, entregando a chefia a gente nova com entusiasmo e iniciativa, deixando aos antigos tarefas compatíveis com as suas actuais capacidades. Porque um grupo de escoteiros terá de se manter em constante actividade, plena de entusiasmo. A rotina é perigo que importa evitar porque conduz à paralisia Pensem nesta verdade tão evidente todos os jarrões que ornamentem chefias escoteiras em Portugal, sem nada produzirem que impulsione o Movimento

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00